



Série
Memórias do Espiritismo

Fotos e ilustrações da página anterior (de cima para baixo, a partir da esquerda):

Gabriel Delanne, Bezerra de Menezes, Allan Kardec, Leon Denis;

William Crookes, Alfred Russel Wallace, Alexander Aksakof, Oliver Lodge;

Yvonne do Amaral Pereira, Alfred Binet, Ernesto Bozzano, Arthur Conan Doyle;

Hercilio Maes, Caibar Schutel, Gustavo Geley, Euripedes Barsanulfo;

Victor Hugo, Charles Robert Richet, Césaire Lombroso, Pierre Gaetan Leymarie;

Andrew Jackson Davies, Camille Flammarion, Francisco Cândido Xavier, Emanuel Swedenborg.

Reconhecemos a ausência de inúmeros expoentes do espiritismo nesta galeria de imagens. Em razão do limitado espaço, escolhemos apenas algumas personalidades ilustres para representar todos aqueles que gostaríamos de homenagear.

Joana d'Arc, Médium

© 2025 — Conhecimento Editorial Ltda

Joana d'Arc, Médium
Léon Denis

Todos os direitos desta edição
reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – Vila Teixeira
Marques CEP 13485-150 — Limeira — SP
Fone/Fax: 19 3451-5440
www.edconhecimento.com.br
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão, por escrito, do editor.

Tradução: Mariléa de Castro
Ilustração da Capa: Banco de imagens
Projeto Gráfico: Sérgio Carvalho

ISBN 978-65-5727-200-8 — 1ª Edição - 2025

• Impresso no Brasil • *Presita en Brazilo*

Produzido no departamento editorial da
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA
Impresso na



a gráfica digital da **EDITORA DO CONHECIMENTO**
grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

Denis, Léon (1846-1927)
Joana d'Arc, Médium / Léon Denis tradução de
Mariléa de Castro - Limeira, SP: **EDITORA DO
CONHECIMENTO**, 2025.
254 p.

ISBN: 978-65-5727-200-8

1. Espiritismo - Doutrina 2. Vida eterna I. Título II.
Castro, Mariléa de III. Série

25-

CDD - 133.93

Índices para catálogo sistemático:
1. Espiritismo

Léon Denis

Joana d'Arc, Médium

*Suas vozes, suas visões, suas premonições, sua visão
atual expressa em suas próprias mensagens*

Tradução
Mariléa de Castro

1ª edição
2025



Obras de Léon Denis
editadas pela Editora do Conhecimento

- O Problema do Ser e do Destino – 2011
 - O Mundo Invisível e a Guerra – 2014
- O Gênio Celta e o Mundo Invisível – 2015
 - Socialismo e Espiritismo – 2021
- Síntese espiritualista doutrinal e prática – 2021
 - Por que a Vida? – 2022
 - Cristianismo e Espiritismo – 2022
- A Sabedoria Oculta e o Espiritismo – 2022
 - Depois da Morte – 2023
 - Joana D’Arc, Médium – 2025

Sumário

Introdução	11
------------------	----

1ª PARTE – VIDA E MEDIUNIDADE DE JOANA D'ARC

1. Domremy.....	
2. A situação em 1429.....	
3. Infância de Joana d'Arc.....	
4. A mediunidade de Joana d'Arc; o que eram suas vozes; fenômenos análogos antigos e recentes	
5. Vaucouleurs.....	
6. Chinon, Poitiers, Tours	
7. Orleans.....	
8. Reims	
9. Compiègne	
10. Rouen - A prisão.....	
11. Rouen - O processo	
12. Rouen - O martírio.....	

2ª PARTE – AS MISSÕES DE JOANA D'ARC

13. Joana d'Arc e a ideia de pátria	
14. Joana d'Arc e a ideia de humanidade	
15. Joana d'Arc e a ideia de religião.....	
Mensagens	
16. Joana d'Arc e o ideal celta	
17. Joana d'Arc e o espiritualismo moderno.....	
As missões de Joana	
18. Retrato e caráter de Joana d'Arc	
19. Gênio militar de Joana d'Arc	
20. Joana d'Arc no século XX; seus admiradores; seus detratores.....	
21. Joana d'Arc no estrangeiro	
Conclusões	

Introdução

Nunca a memória de Joana d'Arc foi objeto de controvérsias tão intensas e apaixonadas como aquelas que se criaram há alguns anos em torno dessa grande figura do passado. Por um lado, exaltando-a, tentam se apropriar dela e encerrar sua personalidade no paraíso católico; e por outro, numa tática às vezes brusca como a dos senhores Thalamas e Henri Bérenger, ou hábil e erudita, auxiliada por um talento sem comparação com o do sr. Anatole France, tentam diminuir-lhe o prestígio e reduzir sua missão às proporções de um simples fato secundário.

Onde encontraremos a verdade sobre o papel de Joana na História? Em nosso entender, ela não se encontra nem nos devaneios místicos dos homens religiosos nem nos argumentos terra a terra dos críticos positivistas. Nem uns nem outros parecem possuir o fio condutor que permite orientar-se em meio aos fatos que compõem a trama dessa existência extraordinária. Para penetrar no mistério de Joana d'Arc, nos parece necessário estudar e praticar longamente as ciências psíquicas; é preciso haver sondado as profundezas desse mundo invisível, desse oceano de vida que nos envolve, do qual saímos todos ao nascer, e onde voltaremos a mergulhar com a morte.

Como poderiam compreender Joana esses autores cujo pensamento jamais se elevou acima do círculo das contingências terrenas, do horizonte estreito de um mundo inferior e material, que jamais abordaram as perspectivas do Além?

Há cinquenta anos que um conjunto de fatos, de manifestações, de descobertas, trouxeram uma nova luz sobre esses vastos domínios da vida, pressentidos em todas as épocas, mas sobre os quais só tínhamos até agora infor-

mações vagas e imprecisas. Graças a uma observação minuciosa, a uma experimentação metódica dos fenômenos psíquicos, uma ciência ampla e poderosa vem sendo constituída pouco a pouco.

O universo nos aparece como um reservatório de forças desconhecidas, de incalculáveis energias. Um infinito vertiginoso se abre ao pensamento, um infinito de realidades, de formas, de forças vitais que escapam a nossos sentidos, do qual algumas manifestações puderam ser medidas com grande precisão, com o auxílio de instrumentos de pesquisa.

O conceito de sobrenatural se desfaz, mas a imensidão da natureza vê recuarem sem cessar os limites de seus domínios, e a possibilidade de uma vida orgânica invisível, mais rica e intensa que a dos humanos, se revela, regida por leis imperiosas. Essa vida, muitas vezes, se mescla à nossa e a influencia para o bem ou para o mal.

A maioria dos fenômenos do passado, sustentados pela fé e negados pela razão, pode agora receber uma explicação lógica, científica. Os fatos extraordinários que se espalham pela existência da Virgem de Orleans, são desse tipo. Seu estudo, que se tornou mais fácil pelo conhecimento de fenômenos idênticos, observados, classificados e registrados em nossos dias, é a única coisa que pode explicar a natureza e a atuação das forças que agiam nela e em torno dela, e dirigiram sua vida para um nobre objetivo.

* * *

Os historiadores do século dezenove: Michelet, Wal-lon, Quicherat, Henri Martin, Siméon Luce, Joseph Fabre, Vallet de Viriville, Lanéry d'Arc, foram unânimes em exaltar Joana, ver nela uma heroína de gênio, uma espécie de messias nacional.

Foi só no século vinte que a voz crítica se ouviu. Às vezes com violência. O sr. Thalamas, professor associado da Universidade, teria chegado ao ponto de chamar essa heroína de "licenciosa", como acusam algumas publicações católicas? Ele próprio se defende disso. Em sua obra, *Jean-ne d'Arc: l'histoire et la légende* (Paclot e Cia. ed.), ele não ultrapassa os limites de uma crítica honesta e cortês. Seu ponto de vista é o dos materialistas: "Não cabe a nós - diz ele (p. 41) - que consideramos o gênio como uma nevrose, censurar Joana por ter objetivado nos santos a voz de sua própria consciência".

Entretanto, em suas conferências através da França, ele se mostrou em geral mais contundente. Em Tours, em 29 de abril de 1905, falando sob os auspícios da Liga de Ensino, citou a opinião do professor Robin, de Cempuis, um de seus mestres, sobre Joana d'Arc. Ela nunca existiu, disse ele, e sua história não passa de um mito. O sr. Thalamas, talvez um pouco constrangido, admite a realidade de sua existência, mas contesta as fontes onde se baseiam seus apologistas. Esforça-se para diminuir seu papel, sem chegar a injuriá-la. Ela não teria feito nada por si mesma, ou muito pouco. Por exemplo, seriam os habitantes de Orleans que teriam o mérito de sua libertação.

Henri Bérenger e outros autores aferraram-se à mesma opinião, e o ensino oficial parece ter se impregnado com sua visão, em certa medida. Nos manuais das escolas primárias, eliminaram da história de Joana tudo que possuía um tom espiritualista. Não se fala mais de suas vozes: é sempre "a voz de sua consciência" que a guia. A diferença é visível.

Anatole France, em seus dois volumes, uma obra de arte e de inteligência, não vai tão longe. Ele não pode deixar de reconhecer a realidade de suas visões e suas vozes. Aluno da Escola de Chartres, possui elementos em demasia para que ouse negar a evidência. Sua obra é uma reconstituição fiel da época. O aspecto das cidades, das paisagens e das pessoas da época é retratado com mão de mestre, com uma habilidade, uma sutileza que lembram Renan. Contudo, esse texto nos deixa frios e decepcionados. Suas opiniões são por vezes distorcidas pela parcialidade, e, ainda mais grave, sente-se perpassar por suas páginas uma ironia sutil e penetrante que não é própria da história.

Na realidade, o observador imparcial deve constatar que Joana, exaltada pelos católicos, é diminuída pelos livre pensadores menos por aversão que por espírito de contradição e oposição aos primeiros. A heroína, arrastada nos dois sentidos, se transforma assim numa espécie de joguete entre as mãos dos dois partidos. Há excessos na avaliação de uns e de outros, e a verdade, como quase sempre, se encontra entre os dois extremos.

O ponto central da questão é a existência de forças ocultas que os materialistas ignoram; de poderes invisíveis - não sobrenaturais e miraculosos como eles pretendem, mas pertencentes a domínios da natureza que eles

não exploraram. Daí sua incapacidade de compreender a obra de Joana, e os meios pelos quais lhe foi possível realizá-la.

Não souberam avaliar a imensidão dos obstáculos que se erguiam diante da heroína. Pobre menina de dezoito anos, filha de humildes camponeses, sem instrução, não conhecendo A nem B, como diz a Crônica, tinha contra si a própria família, a opinião pública, todos!

O que teria ela feito sem essa inspiração, sem essa visão do Além que a sustentava?

Imaginaí essa moça camponesa na presença dos grandes senhores, das grandes damas e dos prelados.

Na corte, nos campos, em toda parte, simples plebeia, vinda do fundo da campanha, ignorando tudo da guerra, com seu sotaque imperfeito, teve que enfrentar os preconceitos de classe e de nascimento, o orgulho de casta, e depois, mais tarde, as zombarias, as brutalidades dos soldados, habituados a desprezar as mulheres e sem poder admitir que uma mulher os comandasse e dirigisse. Acrescenta-se a isso a desconfiança dos homens da Igreja que, nessa época, enxergavam em tudo que era anormal a intervenção do demônio; eles não a perdoavam por agir sem eles, sem sua autoridade, e essa vai ser principalmente a causa de sua perda.

Imagine-se a curiosidade doentia de todos, e especialmente dos soldados, em meio aos quais, virgem sem mácula, ela teve que viver constantemente, suportar as fadigas, as penosas cavalgadas, o peso esmagador de uma armadura de ferro, dormir no chão, sob uma tenda, as longas noites do campo, com as preocupações aflitivas de sua árdua tarefa.

Durante sua curta carreira, ela superou todos esses obstáculos, e de um povo dividido, dilacerado em mil facções, desmoralizado, exaurido pela fome, a peste e todas as misérias de uma guerra que durava havia quase cem anos, ela fez uma nação vitoriosa.

Eis o que autores de talento, mas cegos, vítimas de uma cegueira psíquica e moral que constitui a pior das enfermidades intelectuais, tentaram explicar por meios puramente materiais e terrenos. Pobres explicações, pobres argumentos claudicantes que não resistem ao exame dos fatos! Pobres almas míopes, almas obscuras que as luzes do Além ofuscam e perturbam! A elas se podem aplicar as palavras de um pensador: "O que sabem é um nada, com o

que ignoram se poderia criar o universo”.

Ocorre uma coisa deplorável: alguns críticos de nossa época sentem a necessidade de rebaixar, diminuir, aniquilar com frenesi tudo que é grande, tudo que se eleva acima de sua incapacidade moral. Onde quer que brilhe um foco de luz, onde se acenda uma chama, os veremos acorrer e jogar um dilúvio de água gelada sobre essa luz, esse facho.

Ah! Como Joana, em seu desconhecimento das coisas humanas, mas em sua profunda visão psíquica, lhes dá uma magnífica lição nestas palavras, que ela dirigiu aos examinadores de Poitiers, e que se aplicam tão bem aos cétricos modernos, aos pequenos conhecedores de nossa época:

“Eu leio num livro onde existem mais coisas que nos vossos!”

Aprendei a ler nele também, senhores opositores, e a conhecer esses problemas; e depois podereis falar com um pouco mais de autoridade de Joana e sua obra.

Ao longo das grandes cenas da história, deve-se ver passar as almas das nações, dos heróis. Se souberdes amá-las, eles virão a vós, e vos inspirarão. Eis o segredo do gênio da história. É o que fizeram grandes autores, como Michelet, Henri Martin e outros. Eles compreenderam o gênio dos povos e das épocas, e o sopro do Além perpassa em suas páginas. Os outros, Anatole France, Lavissee e seus colaboradores, permanecem secos e frios, apesar de seu talento, porque não conhecem nem compreendem a comunhão eterna que fecunda a alma pela alma. Essa comunhão é o segredo dos grandes artistas, dos pensadores e dos poetas. Fora dela, não existe obra imperecível.

* * *

Uma fonte abundante de inspiração desce do mundo invisível para a humanidade. Laços estreitos permanecem entre os seres humanos e aqueles que se foram. Todas as almas são unidas por fios misteriosos e, mesmo aqui em baixo, os mais sensíveis vibram ao ritmo da vida universal. Foi o caso de nossa heroína.

A crítica pode combater a sua memória: serão esforços vãos. A existência da Virgem lorena, como a de todos os grandes predestinados, acha-se gravada no granito eterno da história; ninguém poderia diminuir-lhe os traços. Ela é daqueles que demonstram, com a máxima evidência, através da vaga impetuosa dos acontecimentos, a mão sobera-

na que dirige o mundo. Para captar o sentido dessa vida, compreender o poder que a dirige, é preciso elevar-se até a lei maior, imanente, que preside aos destinos das nações. Além das contingências terrestres, acima da confusão dos fatos produzidos pela liberdade humana, deve-se ver a ação de uma vontade infalível que sobrepuja a resistência das vontades particulares, dos atos individuais, e sabe fazer desabrochar a obra que pretende. Em vez de perder-se no caos dos acontecimentos, deve-se abranger o conjunto, buscar suas ligações ocultas. Então surgirá a trama, o encadeamento que os une; sua harmonia se revelará, enquanto as contradições se apagam e se fundem num vasto plano. Compreende-se que existe uma energia latente, invisível, que se irradia sobre os seres e, embora deixando a cada um certa proporção de iniciativa, os envolve e arrasta todos para um mesmo fim.

É pelo justo equilíbrio entre a liberdade individual e a autoridade da lei suprema que se explicam e conciliam as incoerências aparentes da vida e da história, ao passo que o seu sentido profundo e sua finalidade se revelam àquele que sabe penetrar na natureza íntima das coisas. Sem essa ação soberana, só existiria desordem e caos na variedade infinita dos esforços, dos impulsos individuais; em suma, em toda a obra humana.

De Domremy a Reims^[1], essa ação é evidente na epopeia da Donzela. Isso porque ali a vontade dos homens coincide em larga medida com os fins pretendidos pelo Alto. A partir da coroação, a ingratidão, a maldade, as intrigas dos cortesãos e dos clérigos, a má vontade do rei tomam a frente. Conforme a expressão de Joana, “os homens resistem a Deus”. O egoísmo, o desregramento, a cobiça se tornarão obstáculos à ação divina, a qual servem Joana e seus protetores. A obra de libertação se tornará mais incerta, semeada de vicissitudes, de recuos e contratempos. Não deixará de se realizar, mas vai requerer maior número de anos e esforços mais penosos.

* * *

É, como dissemos, apenas do ponto de vista de uma ciência nova que empreendemos este trabalho. Fazemos questão de repetir, afim de que não haja equívoco sobre nossas intenções. Buscando lançar um pouco de luz sobre

[1] Na catedral de Reims eram tradicionalmente coroados os reis franceses, e ali Joana d'Arc finalmente conseguiu que Carlos VII também o fosse (N.T.).

a vida de Joana d'Arc, não temos nenhum móvel interesseiro, não obedecemos a nenhum preconceito político ou religioso; colocamo-nos longe tanto dos anarquistas quanto dos reacionários, à mesma distância dos fanáticos cegos e dos incrédulos.

É em nome da verdade, da beleza moral, e também por amor à pátria francesa, que tentaremos livrar a nobre figura da virgem inspirada das sombras que quiseram acumular em torno dela.

Sob pretexto de análise e de crítica livre existe, como dissemos, em nossa época, uma tendência profundamente lamentável de denegrir tudo que produziu a admiração dos séculos, de alterar e turvar tudo o que seja isento de defeitos e nódoas.

Consideramos um dever que cabe a qualquer pessoa capaz, pela pena ou a palavra, de exercer alguma influência em torno de si, sustentar, defender e realçar tudo que faz a grandeza de nosso país, todos os nobres exemplos que deu ao mundo, todas as cenas belas que enriquecem seu passado e brilham em sua história.

É uma ação nociva, quase um crime, tentar diminuir o patrimônio moral, a tradição histórica de um povo. De fato, não é isso que lhe dá força nas horas difíceis? Não é aí que ele busca os sentimentos mais fortes nos momentos de perigo? A tradição de um povo, sua história, constitui a poesia de sua vida, seu consolo nas provações, sua esperança no futuro. É pelos laços que ela cria entre todos que nos sentimos de fato filhos de uma mesma mãe, membros de uma pátria comum.

É preciso também recordar muitas vezes as grandes cenas de nossa história nacional e dar-lhes realce. Ela está repleta de lições magníficas, cheia de poderosos ensinamentos, e nisso talvez seja superior à de outras nações. Quando exploramos o passado de nosso povo, em toda parte, em todas as épocas, vemos erguer-se grandes sombras, e elas nos falam, nos exortam. Do fundo dos séculos se elevam vozes que nos trazem grandes recordações, as quais, se estivessem sempre presentes em nosso espírito, bastariam para inspirar e iluminar nossa vida. Mas o vento do ceticismo sopra, e o esquecimento e a indiferença surgem; as preocupações da vida material nos absorvem, e acabamos perdendo de vista o que existe de maior, de mais eloquente nos testemunhos do passado.

Entre essas lembranças não existe nenhuma mais to-

cante, mais gloriosa que a dessa jovem extraordinária que iluminou a noite da Idade Média com sua aparição radiosa, e da qual Henri Martin pôde dizer: “Nada igual aconteceu na história do mundo”.

Em nome tanto do passado como do futuro de nosso país, em nome da obra que ainda lhe cabe realizar, esforcemo-nos para conservar integralmente toda sua herança moral, e não hesitemos para retificar os falsos julgamentos que alguns autores expressaram em suas obras. Trabalhe-mos para extirpar da alma do povo o veneno intelectual que tentam espalhar nela, a fim de preservar na França essa beleza e essa força que ainda a farão grande nas horas de perigo, afim de restituir ao gênio nacional todo o seu valor e brilho, diminuídos por tantas teorias malfazejas e sofismas.

A guerra de 1914 fez calar as polêmicas vãs, as críticas estéreis. Em meio da tormenta, a França só se lembrou de Joana para implorar sua proteção e seu socorro!

* * *

É preciso reconhecer que no mundo católico, mais do que em qualquer outra parte, souberam prestar a Joana solenes homenagens. Nos meios religiosos, louvam-na, rezam para ela, depois de a terem beatificado. Por outro lado, os republicanos livres pensadores contribuíram para criar em sua homenagem uma festa anual, um feriado nacional que é também o do patriotismo. Mas, tanto de um lado como do outro, não conseguiram compreender o verdadeiro caráter da heroína, a perceber o sentido de sua vida.

A história de Joana é uma fonte inesgotável de ensinamentos, cuja extensão ainda não foi medida, da qual não foi tirado todo o proveito para a inspiração das mentes, para a compreensão das leis superiores da alma e do universo.

Há em sua vida profundezas que podem dar vertigem nos espíritos mal preparados; existem nela fatos suscetíveis de despertar a incerteza e a confusão na mente daqueles que não possuem os elementos necessários para resolver esse grande problema. Daí tantas discussões estéreis, tantas polêmicas vãs. Mas para aquele que ergueu o véu do mundo invisível, a vida de Joana se esclarece, se ilumina. Tudo nela se explica e se compreende.

Realmente, entre aqueles que louvam a heroína, quantos pontos de vista diversos, quantas apreciações contraditórias! Uns buscam antes de tudo, na memória dela, o

prestígio para seu partido; outros, por uma glorificação tardia, procuram eximir certa instituição secular^[2] das responsabilidades que pesaram sobre ela.

Há os que só querem ver no êxito de Joana a exaltação do sentimento popular e patriótico.

Pode-se perguntar se, a esses louvores que vêm de todos os lugares da França para a grande inspirada, não se mesclam intenções egoístas, e visões interesseiras. Pensa-se em Joana, sem dúvida, ama-se Joana, porém, ao mesmo tempo, não se pensa muito em si mesmo e em seu lado? Não se busca, nessa vida elevada, o que possa favorecer nossos sentimentos pessoais, nossas opiniões políticas, nossas ambições inconfessadas? Bem poucas pessoas, receio, sabem elevar-se acima das opiniões, acima dos interesses de casta ou de classe. Bem poucos buscam penetrar no segredo dessa vida, e entre os que o fizeram, nenhum, até agora, salvo em casos restritos, ousou erguer a voz e dizer o que sabia, o que via e compreendia.

Quanto a mim, se minhas credenciais são modestas para falar de Joana d'Arc, existe uma pelo menos que reivindico abertamente. É a de estar isento de qualquer preocupação de partido, de qualquer preocupação de agradar ou desagradar. É com plena liberdade de pensamento, na independência de minha consciência, livre de qualquer vínculo, só buscando em tudo a verdade, é nesse estado de espírito que abordo esse elevado tema, e vou buscar a expressão do mistério que paira sobre esse destino incomparável.

[2] A Igreja, dado que Joana foi condenada por um tribunal eclesiástico (N.T.).

1ª PARTE
VIDA E MEDIUNIDADE DE JOANA D'ARC

